

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	9.º ANNO—VOLUME IX—N.º 279	REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	21 DE SETEMBRO 1886	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem) . . . . .	4\$000	2\$000	—\$—	—\$—		
Extrangeiro (união geral dos correios).	5\$000	2\$500	—\$—	—\$—		

## CHRONICA OCCIDENTAL

Esta chronica hoje é escripta do Bom Jesus do Monte, junto da mesma janella do quarto do Grande Hotel do Elevador, d'onde ha quatro annos escrevi tambem uma ou duas chronicas para o OCCIDENTE.

O dia está esplendido, o ceo d'um azul d'outomno, e os horisontes vastissimos desenham-se com uma nitidez limpida, recortados muito longe por serras, cordilheira enorme de montanhas que se desdobram umas sobre outras em curvas graciosas.

O panorama é exactamente o mesmo panorama grandioso e risonho, que d'este mesmo logar, para este mesmo periodico descrevi pallidamente ha quatro annos, se a memoria me não falha.

Por entre a verdura, de tons tão variados, do arvoredado frondoso que cobre a vastissima planicie que se desenrola em frente da famosa montanha do Bom Jesus, apparece aqui e ali, em zig-zags, a estrada branca que vae serpenteando até Braga Augusta qua se alastra lá em baixo ao pé das serranias, com os seus telhados negros, e as suas claras boias de vidro, que scintillam como brilhantes enormes á luz clara d'um sol ainda quente.

N'essa estrada é que de vez em quando surge uma novidade no panorama, um penacho negro de fumo acompanhado d'uma respiração offegante, que dir-se-hia d'um cyclope astmatico; a machina a vapor que conduz de Braga ao Bom Jesus os carros americanos, como no Porto, da Boa-Vista á Foz, uns progressos de provincia que fazem córar Lisboa, que fazem ruborizar a capital e subir a vermelhidão aos focinhos dos muares que passam a sua triste vida a correr do Intendente para a ponte d'Algés, e da ponte d'Algés para o Intendente, como se o vapor ainda não tivesse sido descoberto, e como se o sr. Correia Leite ha mais de dez annos não tivesse demonstrado com factos, como se pode levar do Calvario a Pedrouços um americano movido a vapor!

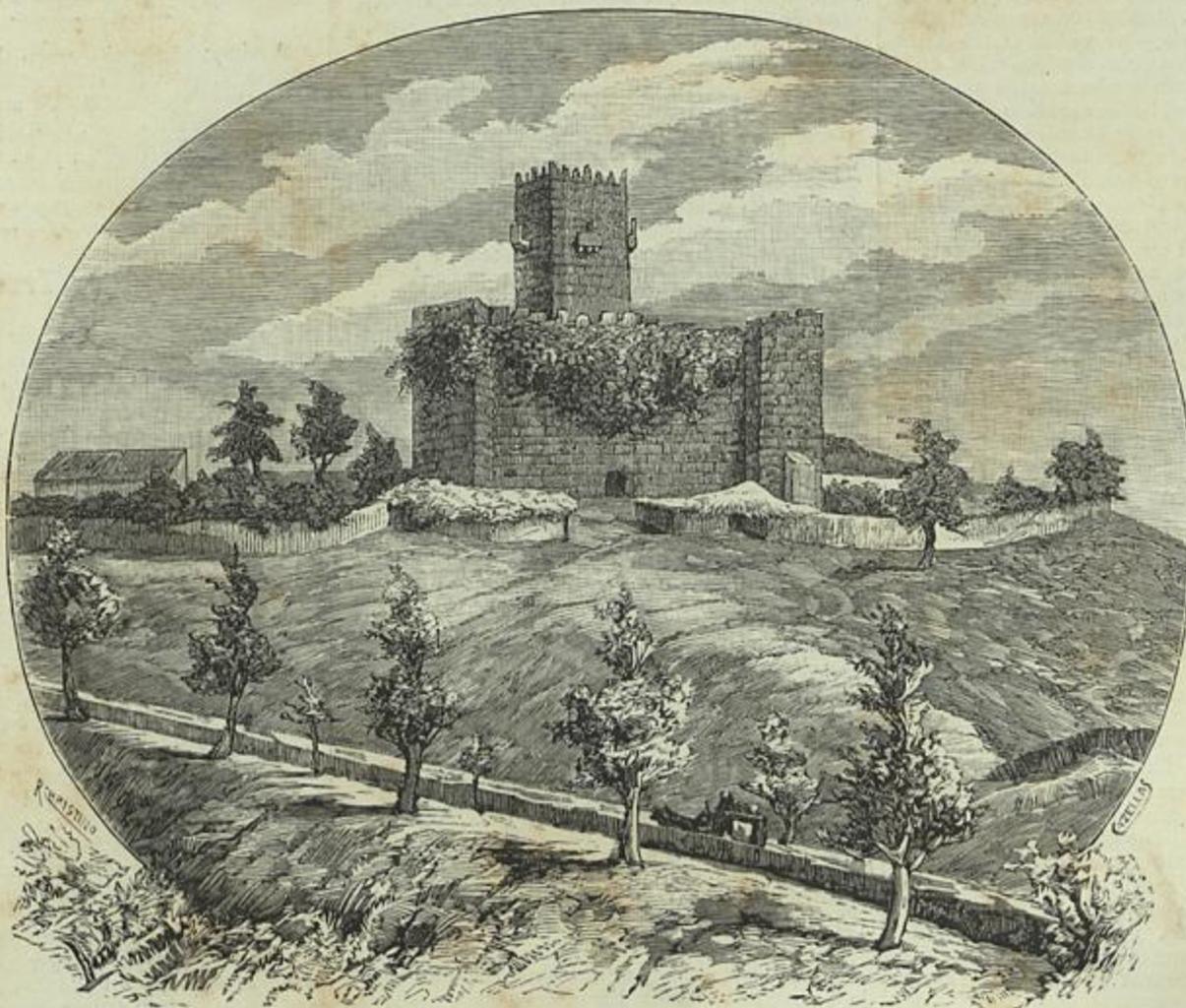
A machina substituindo as mulas, e muitas vezes as juntas de bois que ha quatro annos ainda traziam os passageiros do Campo de Sant'Anna ao elevador do Bom Jesus foi a grande novidade que encontramos em Braga logo ao desembarcar do caminho de ferro.

Cá em cima no esplendido hotel do Gomes esperava-nos tambem outra novidade — um outro progresso! — a illuminação pela electricidade, essa illuminação a que Lisboa tem resistido com uma

teimosia imbecil, e que vae fazendo o seu caminho no Porto, e que já chegou até cá acima ao santuario do Bom Jesus.

Encontramos portanto em Braga e no Bom Jesus duas cousas que não se encontram em Lisboa, americanos a vapor e hoteis illuminados a luz electrica, e não foram só estas as novidades que encontramos aqui: n'outro genero muito differente mas não menos agradável — muito mais até, diria, se não estivesse ainda dyspepetico, encontrei no Grande Hotel do Elevador mais superioridades sobre Lisboa, por exemplo um pão fabricado na padaria do mesmo dono do hotel, o Gomes, o Burnay de Braga, um pão delicioso como se não encontra em nenhuma padaria lisboeta, um espregado magnifico que ganharia bem uma medalha d'ouro ao cosinheiro do hotel, em qualquer certamen culinario, e a agua da fonte detraz da igreja a agua mais leve e mais fria que ha em todo o paiz, e que dizem ter sómente uma rival na celebre fonte fria do Bussaco.

Ora tudo isto, uns dias magnificos a adivinharem outomno, um ar excellente cortado de todos os lados por montanhas enormes, e purificado por arvoredos gigantescos, esplendida agua, hotel com as commodidades que o hospede mais exigente



CASTELLO DO SABUGAL. (Desenho do natural por Abel Acacio)

pode desejar, tudo isto é muito bom para se passar uma temporada maravilhosa, mas não serve para fazer uma chronica de Lisboa.

Por isso meus senhores, não esperem que eu hoje lhes dê noticias da *viagem á Suissa*, que não vi, nem da abertura da Trindade a que não assisti, nem dos acontecimentos de Lisboa que são tão pouco importantes — se os ha — que nem aqui tem chegado, e em vez d'isso, sem de forma alguma tentar fazer impressões de viagem, dar-lhes-hei hoje umas notas rapidas da minha modesta digressão de quinze dias, de que estou descançando aqui regaladamente á sombra protectora do Longuinhos, preparando-me para voltar á *faina* do inverno lisboeta.

A viagem de Lisboa ao Porto não tem episodios; mais demora de cinco minutos n'uma estação, aqui tres passageiros que saltam, ali quatro que entram: peras e pecegos até ao Entroncamento; arrufadas indicando a proximidade de Coimbra, os ovos molles a gritarem alem *Aveiro!*

Espinho illuminado com grande animação de praia elegante, a ponte Maria Pia com o seu panorama magnifico, e o silencio respeitoso que sempre, apesar de ter já os seus dez annos, todos guardam religiosamente ao passar aquella formidavel altura, e finalmente Campanhã, com os seus corretores d'hoteis a lançarem-se avidos aos passageiros como os catraeiros do Tejo quando algum estrangeiro commette a ousadia de se acercar dos caes do aterro.

A nossa entrada no Porto começou por um engano.

Um amigo nosso, que muito presamos, o sr. Mendonça e Costa recommendara-nos especialmente um hotel do Porto, o *Hotel Victoria* e dera nos um bilhete seu para o proprietario.

Não sei como mettemos o bilhete na algibeira, com a convicção profunda de que era America o nome do hotel.

E por isso, quando nos assaltaram os corretores, gritando uns:

- Grande Hotel do Porto!
- Hotel Francfort, outros,
- Hotel Braganza,
- Hotel Alliança,
- Hotel Universal,

não fizemos caso do *bouiment*, e deitámos a mão resolutamente áquelle que nos offerencia: — Hotel America!

Hotel America e Grande Hotel Central, vem a ser hoje uma e a mesma coisa.

Os dois hoteis matrimonisaram-se, isto é, o dono do Hotel Central, o sr. Manuel Galçalves da Gama desposou a proprietaria — viuva do Hotel America, d'ahi a junção dos dois corações e das duas hospedarias, que ficaram tendo uma só meza redonda — as hospedarias, bem entendido é que vão passar a usar só do titulo de Hotel America, desapparecendo o titulo de Grande Hotel Central, e com sua razão porque o hotel nem era grande, nem era central, porque a rua de S. Lazaro não é com certeza a rua central da cidade invicta.

Chegámos ao hotel ás 10 horas da noite, e quando iam a entregar ao seu proprietario o nosso bilhete de recommendação é que reparámos no nosso engano e que como um bom Yanke tinhamos tomado America como synonymo de Victoria.

Em summa, estavamos já alli e não sahimos, e diga-se em abono da verdade tambem que não nos arrependemos, porque fomos muito bem tratados durante os quatro dias que lá estivemos, não querendo de fórma alguma lancar á conta do dono do Hotel que é amavel e sollicito para com todos os seus hospedes, algumas negligencias dos creados, algumas faltas de serviço que provém sobretudo de em alguns hoteis do Porto se considerarem horas mortas, todas as horas que passam além das 10 da noite.

Depois de tres dias no Porto, passados a estudar locais e scenarios para alguns dos capitulos dos *Invisíveis de Lisboa*, uma tentativa de romance de enredo que David Corazzi nos encarregou a Jayme Victor e a nós, partimos para Vigo.

A viagem a Vigo deliciosa, encantadora, pela belleza estranha das paysagens do nosso Minho e da Galliza, que é o Minho em grande, na phrase verdadeira de Guerra Junqueiro, é uma massada horrerosa, mercê da companhia hespanhola dos caminhos de ferro de Vigo a Orense.

Até Valença portugueza vae tudo muito bem: ahi, muda-se de comboio, para as carruagens hespanholas, passa-se a ponte sobre o rio Minho, uma esplendida ponte inaugurada ha poucos mezes e chega-se a Tuy.

Ahi principia a *dolorosa via*.

As bagagens são revistadas demoradamente pelo sr. Visto, como a gente do sitio chama aos

agentes fiscaes e o comboio espera ahi mais de uma hora, defronte d'uma reles estação de madeira onde nem sequer ha agua para beber, que a alfandega hespanhola cumpria o seu dever.

Depois d'essa longa demora o comboio segue roncemente para Guilleray, e ahi em vez de meia hora espera-se uma hora e mais, quando Deus quer, que chegue o comboio de Orense, e torna-se a mudar de carruagem e torna-se a esperar, a esperar, a esperar até que enfim o comboio parte, para se demorar outra vez meia hora em Porrinhos, outra meia hora em Redondella cujo viaducto passando sobre a villa a grande altura é d'um effeito magnifico, atravessando depois um grande tunnel onde o fumo da machina espalhando-se pelas carruagens quasi que asphixia os passageiros, e seguindo enfim para Vigo, pela margem da formosa bahia, um caminho pittoresco, magnifico, que faz com que se esqueçam todas as agruras da viagem.

E depois de longas cinco horas de viagem o comboio chega á estação de Vigo, quando, se a viagem fosse rapida, bem combinada, sem aquellas demoras, podia fazer-se n'uma hora sem milagre algum de velocidade.

Estamos em Vigo, emfim atravessamos a formosa cidade com as suas amplas ruas modernas, os seus bellos edificios, os seus grandes jardins, e ao passarmos por um café, o café *Colon*, ao ouvirmos lá dentro tocar a musica, ao espreitarmos por uma porta e ao vermos o café cheio de homens e de senhoras, tomando *mantigans* pelos seus canudos de farinha bem tortada, conversando ruidosamente, abanando-se com vistosos abanicos, e saboreando chocolate que se corta a faca, comprehendemos logo que estamos em terra de Hespanha.

E d'ahi a momentos descançavamos regaladamente da massada da viagem, nos colchões de molles do Hotel Continental, cujas janellas se debruçam para ampla bahia de Vigo illuminada em cheio pela plena luz do luar.

Gervasio Lobato.

## CASTELLO DO SABUGAL

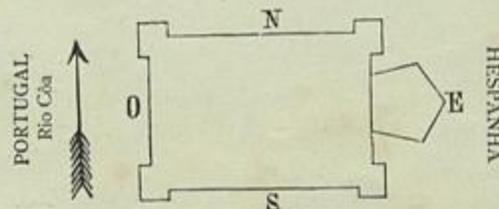
É um monumento interessante, porque, além da sua antiguidade, representa o unico exemplar de castello pentagonal que existe no paiz.

A villa do Sabugal assenta sobre a margem direita do rio Côa, que a abraça pelo S. e por O., e dista 30 kilometros da Guarda, 300 de Lisboa, e 16 da raia de Hespanha. É a povoação mais importante dos territorios de Riba-Côa (*transcudanos* dos antigos); e veio incorporada no quantioso dote que em terras e valores de varias ordens trouxe para Portugal a rainha Santa Isabel, em 1282, quando esposou o nosso rei D. Diniz.

Este tratou logo de a fortificar, bem como todos os mais pontos que julgou ao tempo serem de importancia strategica, mandando-lhe então construir na extrema occidental o castello, e pegado com elle a torre de menagem.

Isto diz a tradição, que o *facies* architectonico dos muros do castello parece em parte confirmar. Todavia, a disposição e o local da edificação d'aquella importante obra de defeza induzem-nos a recuar para lá de D. Diniz a data da sua construção. Com effeito, se o castello tivesse sido edificado pelo monarcha *povoador*, parecia natural que o seu destino seria a defeza da povoação contra os ataques dos leonezes sarracenos, e portanto elle seria mandado levantar a leste da povoação entre esta e a fronteira. Ora succede precisamente o contrario: isto é, o castello e a torre erguem-se a oeste da villa, tendo por fosso natural o Côa, olhando portanto o interior do paiz, e como sendo atalaias de qualquer ataque das bandas da Guarda ou de Coimbra.

Mas ainda ha mais. A planta do castello e torre é a seguinte:



Quer dizer, — a torre de menagem ergue-se do lado oriental, voltada á fronteira, sobre a povoação, e na face opposta áquelle que tem por fosso o rio. Ora as torres d'esta ordem eram geralmente o ultimo reducto em que se entrincheirava a de-

feza, depois de sériamente compromettida. Cahida em poder do inimigo a esplanada do castello, refugiar-se-hiam na torre os restos da guarnição, para opporem ahi a ultima resistencia. E para que este caso se desse com a cidadella do Sabugal, era preciso evidentemente suppor, o quê?... Que o inimigo vinha da margem esquerda do Côa, dos lados da Guarda, de Portugal emfim.

Parece-nos pois não desatremar da verdade afirmando que o castello do Sabugal seria construido em fins do seculo XII por monarcha leonez, com o intuito de prevenir algum ataque dos portuguezes; e que mais tarde D. Diniz o aproveitou e melhorou.

É verdade que uma lenda local afirma que no fecho da mais alta abobada da torre se veem as armas portuguezas com esta inscripção:

Que acabou tudo o que quiz;  
Esta fez el-rey Diniz,  
E quem dinheiro tiver,  
Fará tudo o que quizer.

Nós porém não lográmos lêr esta quadra, o que seria talvez devido a não possuirmos uma longa vista de largo alcance. Comtudo, além d'este facto leva-nos a não dar grande credito á authenticidade da quadra dos dois seguintes argumentos: — a orthographia dos versos, nada assoante com a nossa do seculo XIII; no proprio Sabugal muitos moradores informam que esta quadra está gravada não no fecho da torre, mas sob o arco grande da ponte que salva o Côa, á entrada da villa, e cuja edificação é tambem attribuida a D. Diniz.

Ha portanto, entre os proprios indigenas, duvida sobre o local onde existe uma inscripção, que é um anachronismo orthographico; o que dá todo o direito a pôr em duvida a sua authenticidade, tirando-lhe o melhor do seu valor documental.

A nossa estampa representa a face occidental do castello, que fica opposta á fronteira. No sopé do talude da encosta corre o rio Côa, e a meio d'ella sóbe, da ponte para a villa, a estrada que vem da Guarda. A torre de menagem é d'uma grande altura, — perto de 40 metros; e se a estampa a não representa muito alta em relação á muralha do castello, é porque, como pode ver-se da planta, a torre fica muito distante d'esta muralha, pois é adherente á muralha opposta, que fica sobre a villa, e é a oriental.

É de sobejo conhecida a quadra:

Castello de cinco quinas  
Não o ha em Portugal,  
Senão ao cimo do Côa  
Na villa do Sabugal.

A villa conta, pelo censo de 1878, 1:676 habitantes. É povoação mesquinha, mas cabeça de comarca e de concelho. Este, um dos de mais dilatada área do paiz, conta para cima de 31:000 habitantes, distribidos por 44 freguezias.

A. A.

## Villa Real de Traz-os-Montes

Villa Real, essa gentil princeza, filha dilecta do rei lavrador D. Diniz, principe insigne em muitas virtudes, que em 1289 mandou proceder á sua fundação, arvorando a em capital da *terra de Panoias*, demora a 41° e 16' de latitude norte e a 1° 20' de longitude oriental do meridiano de Lisboa.

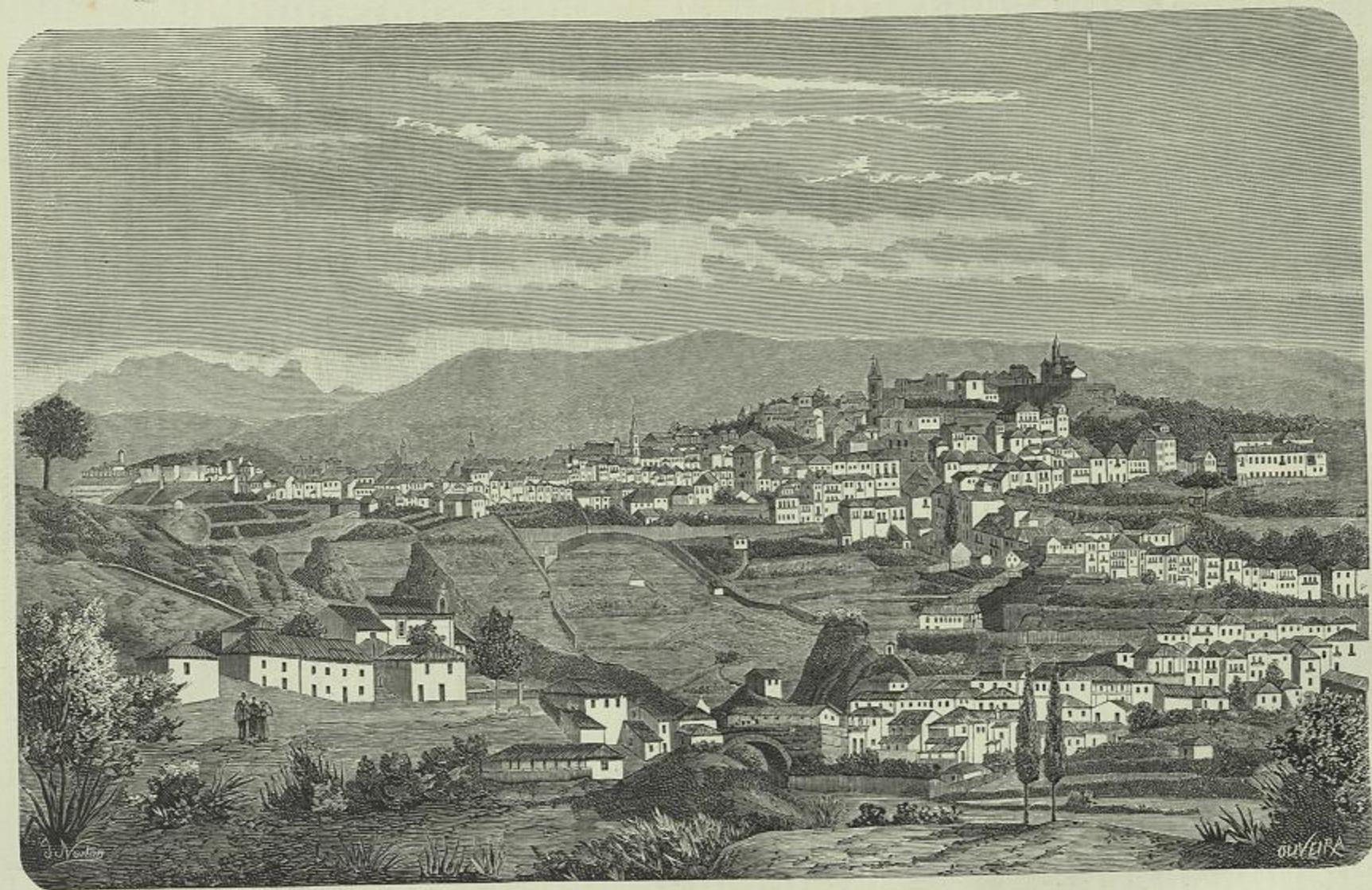
Assenta, como mostra o nosso dezenho do natural, sobre imponentes alcantis, d'onde se disfructam bellos e pittorescos horizontes.

O solo que lhe serve de base é enxuto, porque os dois rios Corgo e Cabril, que a cercam, correm fundos e vertiginosos; além d'isso é toda assente em terreno granitico, alto, alegre e arvoredado, com exposição ao nascente, sul e occidente, e por consequencia mimosa, de uma atmosphera oxigenada e cheia de sol, tanto na florida primavera como no fertil estio, no rico outomno e brando inverno.

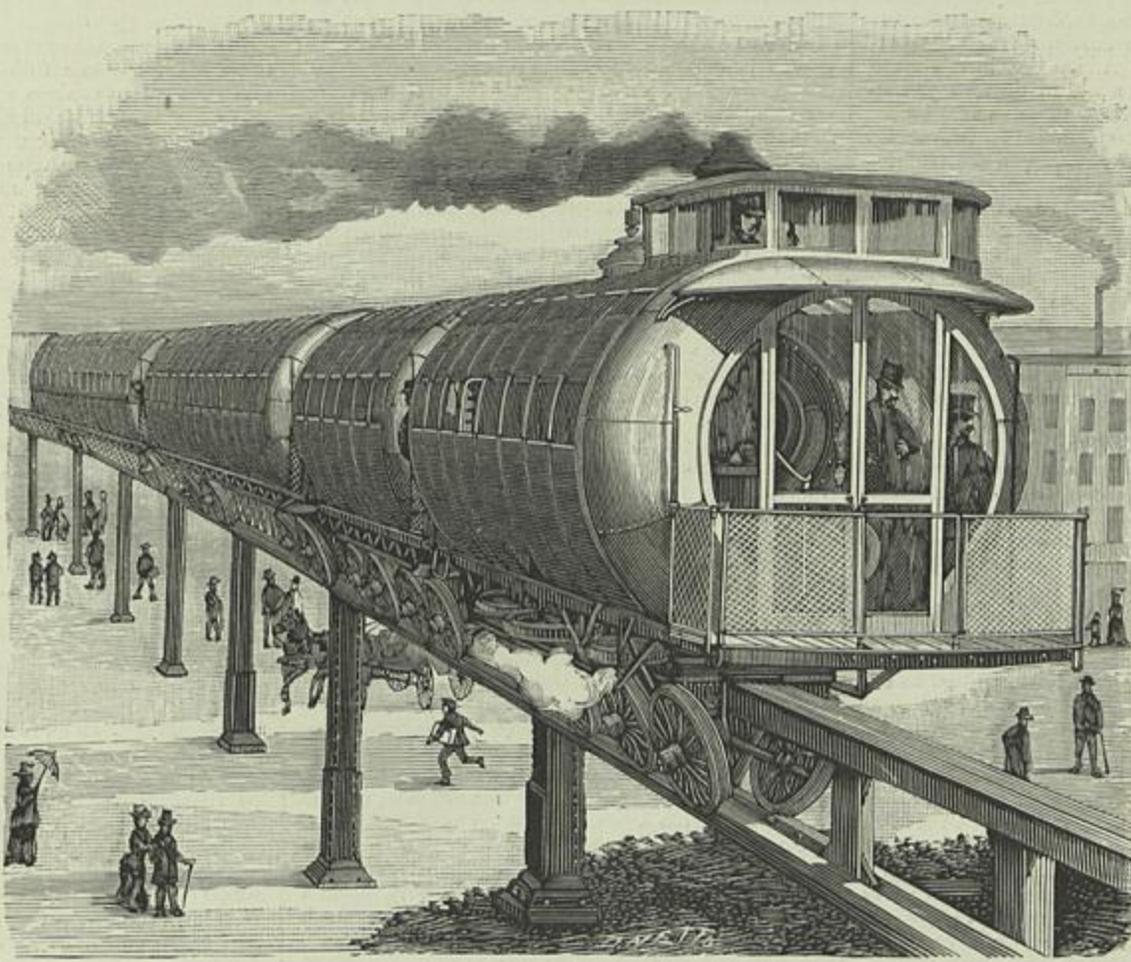
As montanhas que corôam Villa Real são as serras do Marão a oeste, e a da Machada e do Mezio a noroeste. É n'estas montanhas que tomam origem os rios Cabril e Corgo, que enlaçam nos seus amplissimos braços de crystallina agua a excelsa rainha das villas de Portugal.

Pelo lado de oeste e noroeste segue o Cabril por entre ferreiros e deliciosas campinas na sua marcha para o sul da villa; por leste o Corgo corre entre vergeis floridos até á ponte de Santa Margarida, e d'aqui, depois de formar os celebres Poço Romão, Agueirinho e Poço dos Frades, dirige-se por declivoso alveolo, entre profunda e entaliscada penedia formada de rochas graniticas muito duras, até ao ponto chamado insua, onde se reune ao Cabril, para em seguida, no mesmo leito, irem a 27



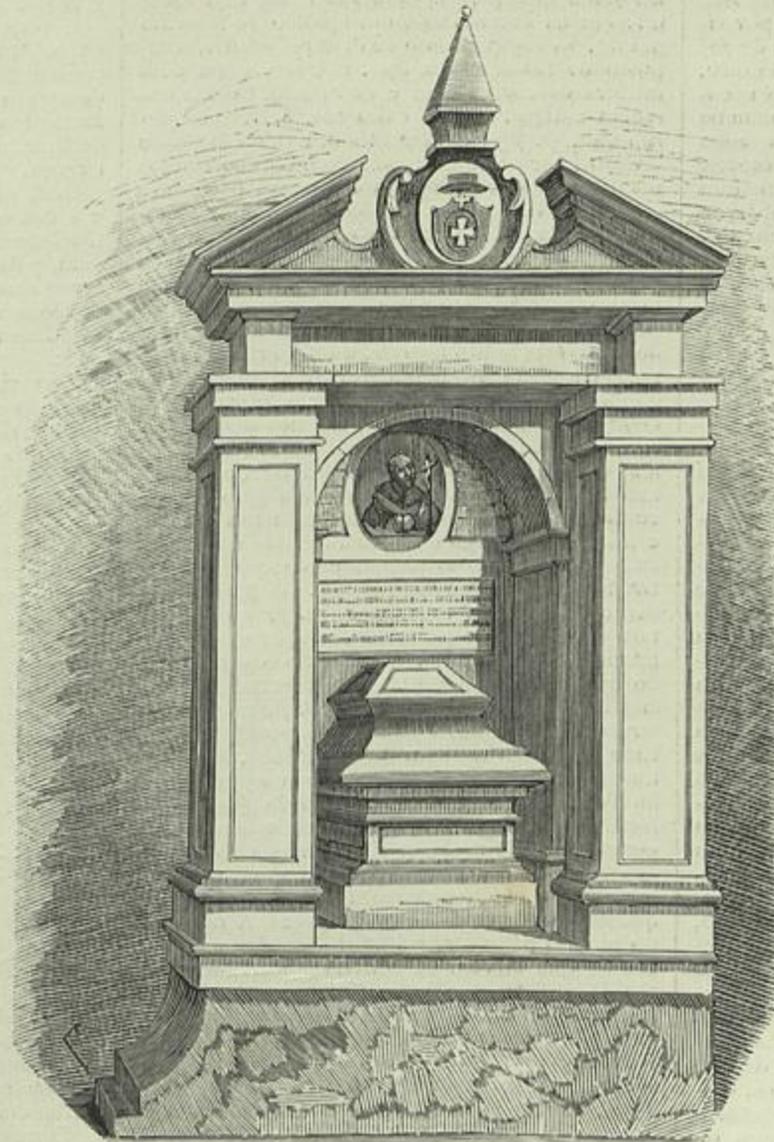


VILLA REAL DE TRAS-OS-MONTES (Desenho do natural pelo artista amador sr. Lopes Mendes)



CAMINHO DE FERRO ELEVADO DE FÓRMA CYLINDRICA, INVENÇÃO DO ENGENHEIRO SR. MEIGS  
Vid. artigo "Actualidades Scientificas,"

— O estudo da flora de Portugal vae adiantando-se de dia para dia com o gosto pelas excursões botanicas. Não será pois fóra de proposito darmos aqui resenha das familias das plantas angiospermias monocotyledonias da nossa flora, apontando algumas especies uteis. Esta vastissima classe contém as seguintes ordens de plantas:—*Fluviales*, com flôres diclinas de orgãos de reprodução reduzidos, nus e solitarios, com fructo nucamentaceo monospermo ou utricular. Família imperfeitas e aquaticas. Família das *Lemnaceas* e *Najadeas*. Ordem das *Spadicifloras*, flôres insertas n'um eixo carnoso ou espadice. Plantas aquaticas ou paludosas. Família das *Zosteraceas*, *Potamogetonaceas*, *Aroideas* e *Typhaceas*. Ordem das *Glumaceas*. Plantas de flôres hermaphroditas ou unisexuæ, de perigonio rudimentar ou nullo, cingidas por bracteas — glumas, glumellas — quasi sempre dispostas em espigas e tendo por fructo um caryopso ou nucula monosperma. Família das *Gramineas* e *Cyperaceas*. Ordem das *Ensateas*. Plantas de flôres hermaphroditas, perigonio 3 ou hexaphyllo quasi sempre regular, solitarias, em espiga, racymo, umbella ou cymo, ovario infero, capsula polysperma; folhas lineares ou ensiformes. Família das *Irideaceas*, *Amaryllideaceas*, *Agaveaceas*. Ordem das *Elobias*, flôres hermaphroditas, raramente unisexuæ, perigonio hexaphyllo regular ou calix trisepalo e corolla tripetala, solitarias ou racymosas umbelladas ou verticilladas paniculadas. Muitos pistillos livres, raramente — na dioicas — o ovario infero. Fructo follicular mono-polyspermo, raramente carnoso indehiscente polyspermo. Plantas aquaticas e paludosas. Família das *Alismaceas*, *Butomaceas*, *Hydrocharideaceas*. Ordem das *Gy-*



TUMULO DE FREI BARTHOLOMEU DOS MARTYRES,  
NA EGREJA DO EXTINCTO CONVENTO DE SANTA CRUZ, EM VIANNA DO CASTELLO  
(Desenho de Ribeiro Arthur)

*nandreas*, flôres hermaphroditas, perigonio irregular hexaphyllo, dispostos em espiga, racymo ou solitarias. Estames coadunados ao estylete. Ovario infero. Capsula polysperma. Família das *Orchideas*. Ordem das *Scitamineas*. Flôres hermaphroditas ou polygamas, perigonio henaphyllo irregular ou calix trimero e corolla hexamera, em racymo, espiga ou espadice. Estames livres, ovario infero. Fructo capsular, ou baga ou drupa, polyspermo. Família das *Musaceas*. Ordem das *Coronareas*. Flôres hermaphroditas, perigonio hexamero quasi sempre regular em espigas, racymos, umbellas, cymos, paniculas ou solitarias. Estames 6 livres ou monadelphos. Ovario no maior numero supero. Capsula ou baga polysperma. Família das *Juncaceas*, *Aphyllanthaceas*, *Colchicaceas*, *Dioscoreaceas*, *Smilaceas* e *Liliaceas*. Ordem dos *Principes* ou *Palmeiras*. Flôres diclinas, de perigonio hexamero regular collocadas em espacides racymosos. Estames muitos monadelphos. Ovario supero. Drupa ou baga mono ou trisperma. Folhas grandes reunidas em coma terminal. Família das *Palmas* ou *Palmeiras*.

De algumas d'estas familias, deixando para mais tarde nos occuparmos das *Alismaceas*, *Colchicaceas*, *Liliaceas* e *Gramineas*, indicaremos as especies mais importantes. Começaremos pela familia das *Palmeiras*.

A *Palmeira das yassouras*, *Chamoerops humilis* Linneu ou *Phoenix humilis* de Cavanilles, encontra-se nas regiões estereis, aridas, arenosas e rochosas da Peninsula austral. Em Hespanha chamam-lhe *palmito*. Em Portugal tem o nome vulgar que acima lhe demos e é cultivada em alguns jardins. A *Palmeira tamareira* ou da *egreja*, *Phoenix dactylifera* Linneu ou *Phoenix excelsior* de Cavanilles, cultiva-se em quasi todas as quin-

tas e jardins de Portugal. Tem as folhas pinnuladas e os folíolos ensiformes. Os fructos são drupas oblongas da grandeza das ameixas ordinarias. Attinge algumas vezes, em Africa ou ainda mesmo na Andaluzia e Algarve a altura de 25 a 30 metros. Os arabes fazem com as tamaras sem os caroços uma especie de xarope muito agradável. Os antigos preparavam pela fermentação das tamaras em agua um vinho, que ainda hoje se usa na Africa, e do qual se extrae agua ardente pela distillação, que aromatisada diversamente é muito usada na Arabia. A *farinha de tamaras* de que os arabes se servem como alimento nas longas perigrinações atravez do deserto, faz-se expondo aquellos fructos ao sol e seccos são reduzidos a pó. Conservam-se assim por muito tempo. O *vinho de palmeira* obtém-se fazendo uma incisão no tronco e recolhendo n'um vaso o succo, que escorre em abundancia. É doce, mas altera-se rapidamente. A madeira é durissima e serve nas construcções e as folhas maceradas em agua tornam-se boas para a fabricação de cestos, esteiras, chapéus, etc. Os periodos dão filamentos com que se fabricam cordas. Os caroços das tamaras queimados entram na composição da *tinta da China*. Em Hespanha, reduzidos a pó depois de carbonizados servem para limpar os dentes. As palmas triumphaes dos heroes e dos martyres são as folhas da *tamareira*. Família das *Smilacées*: *Lirio comalle*, *Covallaria maialis* Linn, cultiva-se em Portugal pela forma graciosa das flôres de esplendida alvura, reunidos em cacho, como perolas globulosas, as quaes destacam na côr verde-escura de duas ou tres grandes folhas ovaes. As capsulas são vermelhas e contem tres sementes. As flôres seccas servem de esturteadorio e o seu perfume é aproveitado na perfumaria. O *Sello de Salomão* *C. polygonatum* Linn, tem as folhas alternas, amplexicaules; caule bigumeo; peduncullos axillares quasi unifloros. Provem-lhe o nome vulgar dos lineamentos angulosos em forma de *sello* ou de *signo*, que apresenta o rhizoma ou caule subterraneo, quando é cortado um pouco obliquamente. Habita nos sitios sombrios e um tanto humidos nos arredores de Coimbra e outros pontos. Florece na primavera. O *Espargo hortense*, *Asparagus officinalis* Linn, cujos grellos se usam como alimento é cultivado nas hortas, mas encontra-se espontaneo e silvestre nas visinhanças das povoações. A *Corruda menor* ou *Espargo bravo* de *folhas agudas*, *Asp. acutifolius*, Brotero e Linneu, é arbusto de caule anguloso, com aculeos lineares, rigidos, quasi iguaes e faniculados. Habita na Estremadura e no Alemtejo e em toda a zona mediterranea. Os pimpolhos tenros d'esta especie são bons para comer. Os gregos e os romanos como os nossos modernos gastronomos apreciavam em alto grau os espargos e preparavam-n'os por meio de uma fervura tão prompta que ficou em proverbio: *Velocius quam asparagi coquantur*, diz Suetonio. No tempo do epigrammatico Martial, os espargos cultivados nos arrabaldes de Ravenna passavam por serem os melhores:

*Mollis in oeuorea quae crevit spina Ravenna:  
Non erit incultis gratior asparagis.*

O espargo é diuretico, mas communica cheiro *sui generis* ás urinas, quando não é preparado com vinagre. Existe no povo a crença de que as pessoas, que esfregarem a pelle com o succo dos espargos não são mordidas pelas abelhas. O *Espargo branco* ou *Asp. albus* Linn, encontra-se espontaneo nos arredores de Lisboa e outros pontos da Estremadura. A *Dragoeira*, *Dracaena Draco* Willkomm, cultiva-se nos jardins de Lisboa, Porto, etc. Os antigos guanchos das ilhas Canarias dedicavam-lhes a essas arvores uma especie de culto. Da casca escorre pela incisão uma materia resinosa vermelha, conhecida pelo nome de *sangue de drago*, que foi em tempo usada na medicina e actualmente só serve nos pós dentrificos e na fabricação de vernizes. A *Legação* ou *Salsa-parrilha da Europa*, *Smilax aspera* Linn e Kunth, é planta muito espinhosa, dura, secca, de ramos angulosos, folhas cordiformes, ovaes ou lanceoladas; flôres pequenas, muito cheirosas, brancas, dispostas em cachos terminaes. As plantas pistilladas dão bagas vermelhas. Cresce nos vallados, por entre as pedras, tapumes, sebes e reveste as rochas maritimas; floresce no outomno. A raiz é sudorifica como a da salsa parrilha americana. É muito commum nos arrabaldes de Lisboa, Carcavellos, Espinheiro de cão, Obidos, Caldas da Rainha. Família dos *Juncaceas*. O genero typo d'esta familia é o *juncus* Linneu, mais ou menos desmembrado pelos botanicos modernos. Como todas as plantas que habitam nos logares humidos, os juncos são duros, pouco agradaveis ao paladar e por isso fornecem má forragem. To-

davia não são inuteis. Na Hollanda quasi que os cultivam para manter as terras na beira mar; na Allemanha a raiz é usada como diuretico e em algumas provincias da França a medulla do *Juncus communis* Mey, serve para torcidas de candeia ou lamparina. Em Portugal entre outras especies crescem o *J. acutus* Lange, ou *juncos dos jardineiros* que serve para atar as plantas, formando canichados, parreiras, etc. O mesmo uso tem o *Juncus diaphragmarius* Brotero, ou *J. glaucus* Lange, que se encontra como o primeiro nas ribanceiras de rios e de regatos. Família das *Musaceas*. A *Bananeira commum*, *Musa paradisiaca* Linn, cultiva-se com vantagem nos jardins, assim como outras especies e variedades. A *Musa ensete*, chega a possuir folhas de tres metros de comprimento e dois de largo, e com a nervura central de côr vermelha. Na quinta das Virtudes, no Porto, possui o sr. Marquez Loureiro exemplares que medem 4<sup>m</sup> e 78 de circumferencia no tronco. Esta planta dá-se ao ar livre, ainda mesmo no inverno. Família das *Orchideaceas*. Acham-se espalhadas sobre todo o Globo, mas abundam especialmente nos logares humidos da zona tropical, pela maior parte parasitas sobre os troncos e as raizes das arvores. A belleza das suas flôres e a raridade das especies exoticas fizeram taxar algumas d'ellas em elevado preço. Um exemplar, por exemplo, da *Anagraecum sesquipedale*, cujas flôres são de branco marfim e com um esporão muito comprido, não custa menos de 30000 réis. Ha todavia especies de mais elevado preço. Fallemos, porém, de algumas das que crescem espontaneas em Portugal. O *Salepo ordinario*, *Orchis morio* Linn, tem as flôres purpuras, ou amarelladas, o labio inferior fendido em quatro lacinias, crenulado; o esporão ou rostro obtuso, horizontal ou remontante, pouco mais ou menos de metade mais curto que o ovario. Habita nos prados do Alemtejo e Caparica. A *Orchide fetida*, *Orchis coriophora* Linn, tem o labio inferior trifendido, e as folhas lineares, agudas. Acha-se nos montes calcareos das visinhanças de Coimbra, Cintra, etc. O *Salepo maior*, *Orchis mascula* Linn, tem as bractees uninervadas, membranosas, purpuras, quasi tão compridas como o ovario. Habita perto de Coimbra e outros pontos das provincias do norte. O *Satyrião militar*, *O. militaris* Linn, cuja caule offerece na extremidade um modelo de penacho militar, do comprimento de duas pollegadas, composto de flôres purpuras, algumas vezes com mistura de côr de rosa e de branco. Cresce nos muros antigos, montes calcareos. A *Orchide pyramidal*, *O. Pyramidalis* Linn, tem o labello ou divisão inferior do perigonio com dois corniculos e mais tres lacinias iguaes e inteiras, o esporão comprido. Habita nos arredores de Bellas e Cascaes. O *Satyrião bastardo* ou *de folhas largas*, *O. latifolia* Linn, acha-se nos prados humidos da Beira, Estremadura e Alemtejo. As flôres formam espigas cylindricas: as tres lacinias petaloides superiores são conniventes, formando capacete; as duas lateraes muito abertas, a inferior larga, pontuada e ligeiramente dividida em tres lobulos. Além d'estas e d'outras podemos citar a *Herva vespa*, *Ophrys lutea* Linn, que se acha nos sitios calcareos perto de Lisboa, Coimbra, etc. A *Herva abelha*, *Op. scolopax*, Brotero na *Phitographia lusitânica* e denominada *Op. vernixia* pelo mesmo auctor na Flora lusitânica, acha-se nas collinas calcareas. O *Salepo* é a fecula contida nos tuberculos de todas estas plantas e especialmente da *Orchis morio* e *Orchis mascula*. Os gregos modernos chamam a essa fecula *salepi* e os orientaes attribuem-lhe propriedades aphrodisiacas. A familia das *Irideaceas* tem por typo o genero *Iris* do qual Willkomm e Lange apresentam 14 especies da flora da peninsula hispanica. O *Acóro bastardo* ou *Lirio* dos charcos, *Iris pseudo-Acórus* Linn, chamado tambem Lirio amarello, *Iris lutea* Lamarch, habita nas lagôas de uma e outra parte do Tejo, e de outros rios. O *Lirio fetido*, *Iris foetidissima* Linn, é bi ou tri-flôr e tem o perigonio amarello azulado. Habita nos sitios humidos. Ambas estas especies teem propriedades analogas á do Lirio germanico, *Iris germanica* Linn, que não pertence á flora portugueza. A raiz d'estas plantas pôde servir á fabricação das pequenas contas, que servem de conservar a irritação nas chagas artificiaes ou fontes. Duas especies de Açafrão existem em Portugal. O *Açafrão bravo* do outomno, *Crocus autumnalis* Brotero, *C. serotinus* Salisbury e Willkomm, e o *Açafrão da primavera*, *C. vernus* Allioni, que é a variedade *verna* do *C. sativus* Linn. Habitam na Estremadura, na Beira, Douro e Minho. Quanto ao *Açafrão do commercio*, empregado como estimulante, só se encontra cultivado. Tem grande influencia sobre o utero e as suas emanções podem produzir convulsões, com terminação funesta. A acção da luz

priva o Açafrão da sua côr e o torna quasi inerte. Família das *Cyperaceas*. A *Junça de cheiro*, *Albafor*, *Cyperus longus* Linn, tem o colmo folhoso, triangular; umbella folhosa, sobrecomposta; peduncullos nús e espigas alternadas. Habita nos logares humidos e paludosos. A raiz foi em tempo usada como sudorifico. A raiz do *C. e culentus* Linn, é comestivel. Acha-se nos arredores de Lisboa e outros logares, em sitios umbrosos e humidos.

João de Mendonça.

## AS NOSSAS GRAVURAS

CASA DO EX.<sup>mo</sup> SR.

JOSÉ BERNARDO DE ALBUQUERQUE  
EM QUELIMANE

Não é um monumento ostentoso ou edificio celeberramente historico o que apresentamos aos nossos leitores, nas paginas do OCCIDENTE, mas é um documento eloquente de civilização na Africa portugueza, tão mal julgada e apreciada entre nós, e que por isso mesmo, mais convém conhecer e glorificar os poucos que por ella se interessam e para ella concorrem com o esforço do seu trabalho e intelligencia.

Está n'estes casos o ex.<sup>mo</sup> sr. José Bernardo de Albuquerque, ajudante da conservatoria de Quilimane e advogado da comarca, que pela seriedade do seu caracter, intelligencia e assiduidade, tem sido um dos mais prestantes portuguezes em terras africanas.

Indo para Africa ainda muito novo, alli tem residido por espaço de vinte annos, prestando serviços á provincia, que a sua modestia nos occulta, mas que ao menos se podem avaliar nas propriedades que tem edificado e adquirido, com o que muito tem concorrido para o desenvolvimento material d'aquelle paiz.

Attestam-o as suas excellentes propriedades em Mussulga, Marrongane e Quelimane, onde tem a sua residencia, na que faz o assumpto da nossa gravura.

É uma bella habitação situada em frente dos Paços Municipaes, no largo do Concelho. A sua construcção solida e apropriada ao clima, estende-se por uma area de 28 metros de fundo por 32 metros de frente, além de um vasto armazem de 50 metros de comprimento por 6,50 metros de largura.

Está, pelo que se vê, perfeitamente localisada, e é dos melhores edificios que se encontram em Quelimane, onde edificações como esta não abundam, pela simples razão da população europeia ser muito limitada, e os indigenas viverem em habitações muito elementares, que não se recomendam nem pela belleza nem pela confortabilidade.

Esta circumstancia mostra quanto está ainda atrazada a civilização n'aquelle paiz, e portanto, a grande difficuldade que ha em se fazerem construcções regulares, para o que faltam uma certa ordem de materiaes e operarios habilitados, tendo, em geral, que se recorrer á Europa para obter uma e outra cousa.

Por isto se vê que qualquer edificação regular que se encontra na nossa Africa tem uma importancia bem diferente do que á primeira vista parece, porque essa edificação representa sempre um esforço consideravel, e um amor áquelle paiz, digno de ser imitado, porque só assim, se irá povoando aquelle vasto imperio, que só tem mingua de dedicações que o façam progredir e elevar, concluindo a grande obra iniciada ha quatro seculos pelos portuguezes.

## CHRONICAS DE ODIVELLAS

V

Á direita abre-se-nos a porta da casa de jantar, uma das mais simples. É uma pequena sala circular armada toda em redondo de melania amarella com passamanes e franjas cor de perola. Meza singella, tamborettes doirados com assentos de velludo amarello e passamanes de prata, placas de espelho doiradas, bufete de charão negro e oiro.

Entremos agora nos aposentos que eram os verdadeiros templos da divindade alli adorada. A dona d'estas opulencias passeia na cerca a sua ociosidade acompanhada pela sua irmã. O rei despacha em Lisboa com os seus secretarios de Estado, e, em-

quanto elles lhe falam nas negociações d'Aix-la-Chapelle, pensa sua magestade provavelmente n'essa alcova mysteriosa, n'esse ninho de seda e oiro, onde se abrigam os seus amores, e onde vamos agora penetrar furtivamente.

Logo de começo uma coisa nos surpreende: dormem no mesmo quarto Paula e Maria da Luz! Ha aqui um requinte de devassidão, e passam-se n'este quarto as scenas lubricas e infames descritas pela penna vingativa e impudente de Marie Colombier quando conta a seu modo a infancia de Sarah Bernhardt? Ou, pelo contrario, procurava assim colorir ainda um pouco a sua situação equivocada a freira madeirense, e o pequeno leito de Maria da Luz não estava alli senão para salvar as apparencias?

Entremos em todo o caso. A armação d'essa esplendida alcova é toda de melania carmezim, e a melania era uma fazenda que então se usava de seda ondeada, porque ainda tinhamos n'esse tempo o costume de darmos ás fazendas nomes portuguezes, em vez de importarmos de França affectadamente os *damassés*, e os *moirés*, e os *foulards*. A melania pois era, como dissemos, uma fazenda de seda ondeada, e de melania carmezim com franjas e galões de oiro era a armação do quarto. Dois espelhos enormes vestiam duas das paredes, abrangendo-as todas. Eram aquellos espelhos de Nana, tão amorosamente descriptos pelo romancista francez, aquellos espelhos diante dos quaes Nana mirava a sua nudez formosa e impudica. Na terceira parede, por cima da porta, um relógio, que acompanhava com a melodia vagarosa dos minuetes as scenas de que esse quarto era theatro e mudos espectadores esses maravilhosos moveis-contadores de charão negro e oiro com pés topetes de talha doirada, bufetes doirados, cadeiras carmezins com pés e braços de talha doirada e passamanes de oiro.

Em placas de espelho doiradas ardião discretamente as velas cor de rosa que illuminavam docemente o quarto mysterioso. Ao fundo o leito de pau santo da freira ostentava-se com extraordinaria opulencia debaixo da sua armação de seda carmezim com sobreceio em apanhados, franjas e galões de oiro. O leito é de esculpturas, envolto n'uma lamina de prata doirada que se abre por tres partes, e as esculpturas de oiro macisso em relevo representam santos, porque, não contente de os conservar no oratorio d'essa profana freira, até D. João V os levava para alli a serem testemunhas e protectores dos actos menos edificantes d'este mundo. É verdade que para o dia do juizo final arranjou D. João V umas testemunhas que lhe não de dar agua pela barba.

A roupa da cama era o que se poderia esperar de todos estes esplendores: lençoes de Hollanda de preciosas rendas e crespos travesseiros, cobertores e colcha de seda-florão de fios de oiro.

A cama da irmã era igualmente rica, e só não tinha a lamina de prata doirada.

A cabeceira emfim dos dois leitos (que até a estas minuciosidades desce o redactor d'esta preciosa descripção) viam-se os bufetes de charão doirado, com um panno coberto, e em cima do panno um prato de prata da Allemanha.

Eram de prata emfim esses utensilios mysteriosos que representam no quarto de uma mulher formosa, ao lado do que ha de mais poetico e perfumado, o que ha de mais prosaico e de mais degradante para a belleza ideal. Estas periphrazes evita-as o auctor que vamos seguindo, que não recua diante do nome proprio.

O que porem corôa e completa esta singular mistura do sagrado e do profano é que entre as duas camas havia duas pias de prata, adivinhem com que?

Não! podem devaneiar o que suppozerem de mais extravagante e mais odioso, de mais repugnante e de mais torpe, de mais sacrilego e de mais abjecto, e não podem imaginar o que é que o rei freiratico mandou collocar ao pé do leito, onde o recebia nos braços niveos a freira gentil que o enfeitara. Não podem suppôr o que era que tinha alli ao lado da cama onde praticava o maior peccado que um catholico podia commetter, a violação dos votos mais sagrados, o perjurio mais sacrilego, a profanação de uma castidade que se votara a Deus, o adulterio emfim com a esposa de Christo, segundo a phrase consagrada. Já era curioso que assistissem immoveis ás scenas que alli se passavam os miseros santos de oiro macisso, mas este ultimo traço é para nós o mais espantoso e o mais singular. Ao lado da cama de soror Paula, e da mesma forma que ao lado da cama de sua irmã, havia uma pia de prata... com agua benta!

É medonho, não é verdade? Enquanto em Odiveellas o rei freiratico tinha junto da cama, onde impudentemente peccava contra as leis mais sagradas do catholicismo, agua benta, queimavam-se

judeus no Campo da Lã, a Inquisição dominava o paiz, e o mais insignificante peccado era punido com as mais horribes torturas.

Para que servia a agua benta n'aquelle logar? Nem queremos imaginal-o! Seria possivel que a aproveitassem para odiosas abluções? Tudo se pode acreditar, porque a nós, homens de hoje, é-nos impossivel comprehender o que se passava nos espiritos dos homens do seculo xviii, d'esse seculo em que o catholicismo e o monarchismo tinham chegado, á força de se requintarem e de se exagerarem, a uma degeneração pasmosa, em que, da mesma forma que o homem volta na velhice aos habitos e quasi ao pensar da infancia, assim o catholicismo se transformara em fetichismo, e a veneração do soberano no culto que aos despotas consagravam os povos nas primitivas monarchias da Asia.

Pinheiro Chagas.

## A expedição ao Muata Yanvo

(Continuado do n.º 273)

Desde que constou no interior que a expedição se dirigia áquelle Estado, passaram-se successos que haviam de ter uma importancia capital no seu destino.

Quando chegaram ao ponto que ficou denominado *Cidade do Porto* havia trez mezes que alli os esperava um *D. Sebastião*, da *Lunda*, do qual é necessario fazer especial menção.

*D. Sebastião* e um personagem que se achava expatriado havia cerca de doze annos, e ao qual pertencia o governo do Estado pelo fallecimento do Muata Yanvo *Muteba*. Este fóra envenenado para entrar em seu logar *Xanamá*, o qual foi morto para ser substituido por *Quibinda*, mas como este não agradasse foi tambem morto para lhe succeder *Cangápuá*. Foi por fim *Cangápuá* mandado matar para entrar no governo o actual Muata Yanvo *Muriba*, irmão mais novo do *Quibunsa*, o *D. Sebastião* referido.

Ora este, logo que lhe constou que a expedição partia de Malangé para aquelle estado, apresentou-se aos povos de *Lunda*, e dirigiu communicações para o Estado, fazendo saber que, se não estavam contentes com o governo, lh'o participassem, porque n'esse caso esperaria e seguiria para lá com o seu amigo *Muene Puto*, que ia para *Mui sumba*. Já se sabe que aquelle nome designa o re-de Portugal, e por extensão o seu delegado.

É certo que em janeiro, estando elle em terras de Nzova, e sabendo que a expedição tinha chegado á margem direita do *Cuango*, estação Costa e Silva, partia d'alli para o *Ca-sá-u*, para onde sabia que ella se dirigia.

Não se tinha feito sigillo da marcha, nem era possivel fazel-o, porque, desejando seguir pouco mais ou menos um determinado paralelo, era natural que se fossem tomando informações pelos diversos povos, muito principalmente com gente de *Lunda*. Ora, logo no principio, em Malangé, se apresentou ao chefe um *Cacuata Tambu*, com quem elle entrou em relações, e a quem prestámos bons serviços, que elle foi aproveitando em favor do seu *D. Sebastião*.

Dirigiram-se portanto para o *Ca-sá-su* de accordo com *Tambu*, e alli eram esperados pelo *D. Sebastião*.

Tomou corpo e vulto para leste do *Ca-sá-su* a noticia que se espalhara de que *Quibunsa-Yanvo*, homem já de cincoenta annos, havia apparecido e vinha reclamar os seus direitos á posse do governo do Estado, e agora apoiado pelo seu amigo *Muene Puto*, em cuja companhia vinha.

É facil de ver em que complicações este movimento politico ia envolvendo a expedição; surgiam difficuldades para a marcha, por isso que algumas povoações de *Lunda* fugiam á sua aproximação, por suppoerem que os expedicionarios os enganavam e os queriam levar como escravos para o novo Muata. Só com muito rogo e a muito custo se podia arranjar um ou outro carregador, e isto para ir de povo em povo, jornadas de não mais de trez dias.

Ganhando tempo, os potentados dos terrenos a leste, receando-se do novo Muata, e informados sempre da marcha da expedição, foram mandando sempre seus representantes acompanhados de pequenos presentes, em signal de amizade, mostrando a sua adhesão e os desejos que teem de que *Quibunsa Yanvo* (*D. Sebastião*) apresse a sua marcha, a fim de tomar quanto antes posse do Estado, por isso que todos estão muito descontentes com *Mubira*, o actual Muata, que os expolia com tributos enormes (tambem por lá já se conhece isto!),

e tem feito matar os velhos e grandes potentados do Estado, cercado-se de creanças, dando tambem muita força aos *quicos*, inimigos declarados da *Lunda*.

Estas embaixadas e presentes e protestos de adhesão tinham-se sempre continuado até á data das ultimas noticias, 28 de novembro do anno passado.

Na dependencia dos potentados para alcançar carregadores, e ouvindo todos os dias o que se dizia a respeito das questões do Muata, viu-se o chefe em grandes embarços, sem saber pelo que se havia de determinar.

O desasocego de espirito era constante. Debalde se tomam pareceres, se consultam mappas e cartas, deficientissimas para aquellas localidades. As entrevistas com povos diversos e seus enviados amiudavam se, ora são *bengalas*, ora *quicos*, ora *lundas* de diferentes potentados; os carregadores de diversas proveniencias, a variedade de serviços e de estudos, e a politica ainda no meio da Africa a envolvel os nas suas roscas pestilentas.

Tudo isto trazia os nossos expedicionarios alterados, excitados, temerosos, e um pouco vagos nas suas resoluções, e comquanto nas noticias que nos enviaram sejam um tanto mais largos do que nas outras muito concisas que temos visto publicadas em varios periodicos, todavia ainda nas que temos presentes se encontram a cada passo expressões como estas: *seria longo contar tudo; não tenho sido nem posso ser muito extenso, etc., etc.* O unico recurso que teem a tomar no meio de trabalhos demasiados, e em regiões como aquellas, é entregarem-se á *aventura*, e recordarem-se de que estão representando no ultimo quartel do seculo xix o papel dos cavalleiros andantes dos seculos xiv e xv, e confiarem em Deus, na sua consciencia, na sua razão, e um tanto nas suas armas, ainda que de pouco lhes poderiam servir, se os innumeraveis povos que os rodeiam os não tivessem por amigos.

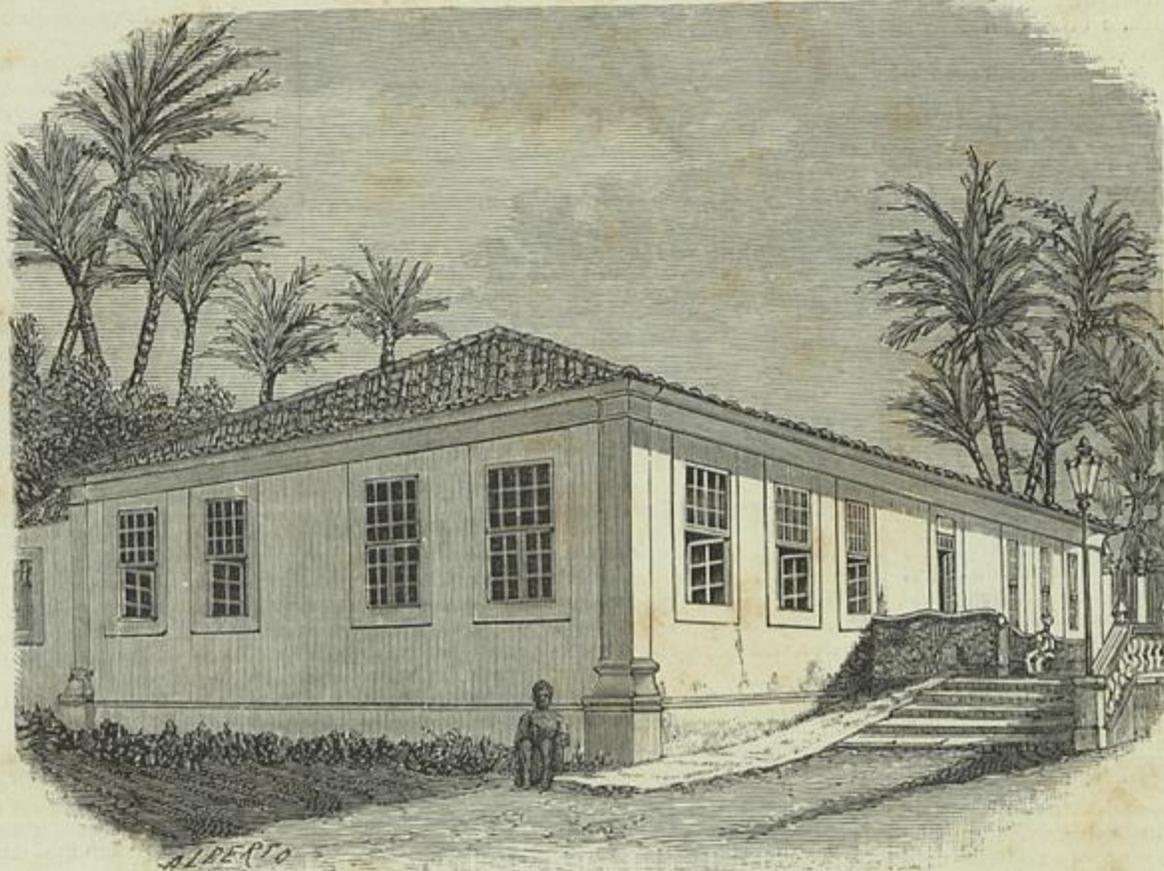
O nosso dedicado informador, ao falar-nos das difficuldades, duvidas e perigos que os cercavam n'esses momentos, conclue: — Assim nos deixamos ir n'esta *aventura*, que outra coisa não é o que estamos fazendo, e que em qualquer paiz civilizado nos podera já ter sido bem fatal!

(Continua)

J. B.

## RESENHA NOTICIOSA

TERREMOTOS. Em toda a Grecia, nos Estados Unidos e ainda em outras partes se teem sentido, ha mais de um mez, varios tremores de terra que teem produzido, alem de muitos prejuizos materiaes, perda de muitas vidas e muitos ferimentos. O numero das victimas em toda a Grecia tem sido, até ás ultimas noticias, de mais de trezentos mortos e de seiscentos feridos. Em Rougie, na Argelia, tambem no dia 7 se sentiram dois grandes abalos de terra. Nos Estados Unidos a maior catastrophe foi em Charlestown. Durante alguns dias sentiram-se varios abalos violentos, causando logo o primeiro a destruição de muitos edificios, e o incendio de uns vinte. Dois terços do bairro mercantil foram destruidos, a cidade está completamente em ruinas. Por enquanto as listas officiaes davam sessenta individuos mortos e mais de cem feridos, mas já se sabe que ainda não é esta a cifra definitiva. Os navios ancorados no porto nada soffreram; tendo se o mar conservado tranquillo, apesar do movimento vir do sudoeste. Os prejuizos materiaes são já avaliados em cerca de dez milhões de dollars. Parou a marcha dos comboios, não saindo d'ella nem chegando a ella nenhum durante dias. A população abandonava as casas, e a menor oscillação do solo, fazia cair muitas que ainda se conservavam de pé. Os negros e mulatos aterrados, fugiam em todas as direcções, e com seus gritos e medos augmentavam o horror da situação; como são muito supersticiosos entregavam-se á pratica de um sem numero de abusões, julgando chegado o fim do mundo. Só passado algum tempo se poderá conhecer o numero de victimas sotterradas nos entulhos. Em a noite de 1 do corrente ás 11 horas e 55 minutos um repellião violentissimo deitou abaixo mais algumas casas. Todos os relógios estão parados nas 8 horas e 40 minutos; os edificios publicos destruidos em grande parte, os habitantes dormindo em barracas pelos campos, e começava se a sentir fome. O mesmo que succedeu entre nós em 1755. — Corria o boato de que a cidade de Summerville estava tambem em ruinas, e de que havia igualmente muitos estragos e grande numero de victimas no leste da Georgia e nas duas Carolinas. O tremor sentiu-se distinctamente em muitos outros



AFRICA PORTUGUEZA — CASA DO EX.<sup>mo</sup> SR. JOSÉ BERNARDO DE ALBUQUERQUE, EM QUELIMANE  
(Segundo uma photographia de B. Kisch)

pontos, nomeadamente na cidade de Colombia, que ficou destruída, havendo grande numero de mortos e feridos. Esquecia-nos dizer que no dia 4 do corrente pelas 10 horas e meia da manhã começou a cair sobre Charlestown uma verdadeira chuva de pedras miudas, sem saber d'onde provinham, e que vinham com tal força que penetravam na terra. Este phenomeno durou alguns minutos, chegando a cobrir ruas, praças e telhados com uma camada da espessura de dois a tres centímetros. A impressão e terror que causou nos habitantes foi grande, sem que se tenha podido explicar a causa de tão extraordinario successo.

**VISITAS DE PRINCIPES.** É esperado em Lisboa o principe Augusto Leopoldo Filipe Maria Miguel Gabriel Raphael Gonzaga de Bragança Bourbon, segundo filho do duque de Saxe Luiz Augusto Maria, almirante da marinha brasileira, e da princeza D. Leopoldina Thereza Francisca de Bragança Bourbon, filha do imperador do Brazil D. Pedro II, fallecida em 1871. O principe é official da marinha imperial do Brazil e vem a bordo da corveta brasileira *Almirante Barroso*. É tambem esperado em Lisboa, na proxima primavera, o rei Oscar II da Suecia, principe muito illustrado e de uma grande predilecção pelas sciencias, artes e letras.

**BODAS DE PRATA.** Celebrou-se no dia 12 do corrente, no castello de Sigmaringem, a festa das bodas de prata da infanta D. Antonia, irmã de S. M. el-rei D. Luiz, casada com o principe Leopoldo de Hohenzollern. Foi uma festa de familia a que assistiu el-rei D. Luiz, que alli se achava de visita. A infanta D. Antonia Maria Fernandes Michaela Gabriella Raphaela d'Assis Anna Gonzaga Silveira Julia Augusta de Bragança Bourbon, duqueza de Saxe, nasceu a 17 de janeiro de 1845 e casou com o principe Leopoldo Estevão Carlos Antonio Gustavo Eduardo Thavailo de Hohenzollern a 12 de setembro de 1861. D'este casamento nasceram tres filhos: o principe herdeiro Guilherme Augusto Carlos, hoje tenente do 1.º regimento da guarda prussiana; o principe Fernando Victor e o principe Carlos Antonio. O governo portuguez felicitou, pelo telegrapho, a nobre filha de D. Maria II, a que sua alteza correspondeu em sentidas phrases de reconhecimento á sua primeira patria.

**OFFERTA AO JARDIM BOTANICO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.** O infatigavel explorador sr. José de Anchieta offereceu ao Jardim Botânico da Universidade dois caixotes, que vieram no vapor *Benguella*, com productos zoologicos, botanicos e paleontologicos, colleccionados nas suas continuadas excursões pelo sertão africano.

**CASAMENTO DO INFANTE D. AFFONSO.** A imprensa estrangeira tem-se referido com certa insistencia a um projecto de casamento do infante D. Affonso de Portugal, com a princeza Luiza de Galles, filha terceira do principe de Galles, ou com a princeza Henriqueta de Flandres, filha segunda do conde de Flandres, irmão do rei Leopoldo II da Belgica, e sobrinha por afinidade da infanta D. Antonia.

## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

**Revista da secção da Sociedade de geographia de Lisboa no Brazil, director dr. Antonio Zeferino Candido.** Rio de Janeiro. Typ. e lith. de *Moreira Maximino & C.ª*, rua da Quitanda, n.º 111 e 113, 1885. Encerra este fasciculo um importante artigo do sr. Zeferino Candido, *Politica colonial*, no qual analysa o modo como foi resolvido este assumpto pelo tratado de Berlim, e o novo principio de direito internacional que d'elle surgiu. Mostra as vantagens que d'alli resultaram á França, á Allemanha, á Belgica, e quanto ao nosso paiz, que foi o bode expiatorio, diz: *Portugal apenas teve a vantagem de perdêr tudo. Os seus territorios e dominios foram reconhecidos ou livres e pertença de todos, ou francezes ou belgas. A conferencia não foi inteiramente adversa a Portugal, diz irrisoriamente o illustre escriptor, porque sempre lhe concedeu o direito de ficar com uma parte do que era seu e ficou com os seus limites demarcados e fixos.* — *O serviço meteorologico nos Estados Unidos*, pelo sr. Cruls. — Um interessante artigo — *Roberto Dias e as minas de prata, segundo novos documentos*, pelo sr. Capistrano d'Abreu, onde se acham preciosos documentos sobre este curioso ponto da nossa exploração e administração colonial, bastante baralhado por alguns historiadores. — *A expedição de Capello e Ivens, etc.*

**Penitenciaria central de Lisboa, Relatorio apresentado ao Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Ministro dos Negocios Ecclesiasticos e da Justiça**, pelo director Jeronymo da Cunha Pimentel. Anno de 1885. — Lisboa, Imprensa Nacional, 1886. — 8.º francez de 171 paginas. O decreto de 20 de novembro de 1884 no seu art. 46, impõe ao director da penitenciaria a obrigação de enviar ao governo até o 1.º de março de cada anno, um relatorio de administração da cadeia no anno antecedente, e o primeiro director d'ella desobriga-se d'este encargo por maneira honrosa. Nomeado director encontra-se

á frente de um edificio d'aquella importancia e magnitude sem ter a planta d'elle, que debalde requeira; encontra os encanamentos do gaz em mau estado e tambem lhe falta a planta d'elles, para poder acudir aos pontos estragados, e tem que desistir d'esse empenho, reformando a canalisação, substituindo-a por outra de ferro; não conhece igualmente a canalisação da agua, e quando lhe apparecem os primeiros presos, a 2 de setembro de 1885, encontra-se n'estes embaraços e não obstante as prescripções de toda a especie, elle acha o edificio em muitas partes não satisfazendo completamente, ou algumas de suas partes não podendo applicar-se ao numero de reclusos que tem a dirigir. A primeira partida d'estes recebida no referido dia é em numero de doze, e n'esse mez recebem-se mais 16, no outubro seguinte 5, em novembro 30 e em dezembro 17, findando pois o anno com 89 presos, cujos crimes, sentenças, naturalidades, grau de instrucção e mais circumstancias vem espessas em mappas illustrativos, havendo a notar que d'elles, são hespanhoes quasi a sexta parte. Organisa o director as diversas officinas de trabalho, á custa de improbos e indefessos cuidados, bastando mencionar que o Ministerio das Obras Publicas para lhe fornecer tres bancos de carpinteiro gastou cinco mezes, ao passo que logo que a officina de carpinteiro poudo trabalhar e que auctorizado pelo Ministerio da Justiça poudo comprar madeiras, se fizeram dez em poucos dias. Estão organisadas as officinas de sapateiro, de carpinteiro, de esparteiro, de guardasoleiro, e esperava organizar a de serralaria; mas é necessario procurar venda aos productos, apresentando para isso alguns alvitres. Ao mesmo tempo distribuia-se aos presos instrucção litteraria e religiosa conveniente, e já com grande aproveitamento. Tem havido todo o cuidado na hygiene e hoje, mesmo os banhos, que ao principio os presos usavam com desgosto, não são tão mal recebidos. Emfim o relatorio mostrando os defeitos d'este estabelecimento nascente, patenteia ao mesmo tempo como um funcionario zeloso, intelligente, e todo dedicado ao seu ministerio pôde attenuar esses defeitos, melhorar o serviço, regulamental o e estudar todos os pontos d'elle, para propôr os aperfeiçoamentos e reformas que julga necessarios, afim de se tirar d'elle toda a utilidade. Deve ser lido por todos tão interessante relatorio.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

Typ. ELZEVIANA — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.